

Interstícios: ensaios sobre arte sequencial] quadrinhos; animação e cinema]



1

out. 2009
2ª impressão

] interstícios [

nesta edição

Os 80 anos de Mickey Mouse

Conheça a animação mais antiga do mundo

A arte sequencial na era da reprodutibilidade técnica

A experiência do Quadro-negro Animado

Documentário animado: muito além da técnica e da tecnologia

Entrevista com Cesar Cabral

||| PÃO E
||| ROSAS

stícios

OS]11[

interstícios] 1 [

outubro de 2009

2ª impressão

||| PÃO E
ROSAS
Rio de Janeiro

Interstícios
issn 2176-2422
outubro de 2009

Editor Geral
Daniel Pinna

Editores
Bruno Cruz, Daniel Pinna, Gabriel Cruz e India Mara Martins

Projeto gráfico
Bruno Cruz e Daniel Pinna

Capa
Bruno Cruz, Daniel Pinna e Gabriel Cruz

Copidesque
Rosane Carneiro

**Esta revista segue o novo Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa (Decreto 6.583/2008).**

Pão e Rosas editora
Caixa postal 16216 | Cep 22221-971 | Centro | Rio de Janeiro | Tel.: (21) 3717-2127
editorial@paoerosas.com.br | www.paoerosas.com.br

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA LIOARA MANDOJU CRB-7 5331

705 Interstícios. – n.1 (out. 2009) – Rio de Janeiro : Pão e Rosas, 2009–
I61 v. : il. ; 23cm.
Semestral
ISSN 2176-2422

1. Arte – Periódicos. 2. Cinema – Periódicos. 3. Animação (Cinematografia) –
Periódicos. 3. Histórias em quadrinhos – Periódicos.

Sumário

Editorial] 7 [

Antigas como o barro]11[

Daniel Pinna

A arte sequencial: da pintura rupestre aos quadrinhos]37[

Bruno Cruz

**O camundongo e seu criador:
os primeiros passos de Walt Disney]59[**

Gabriel Cruz

**A espontaneidade no risco de giz:
considerações sobre o Quadro-negro Animado]79[**

Daniel Pinna

Documentário animado: muito além da técnica e da tecnologia]103[

India Mara Martins

**Dossiê Rê Bordosa: entre realidade e ficção,
um documentário animado]117[**

entrevista de Cesar Cabral a India Mara Martins

Agradecimentos Os editores gostariam de registrar sua enorme gratidão às seguintes pessoas, cuja colaboração tornou a realização desta edição possível:

Alexandre Rodrigues Alves, Amanda Meirinho, Ana Carolina Cordeiro Lima, Ana Cristina Pinna, André Magela, Angeli, Bruno Eschenazi, Cecília Leão, Cesar Cabral, Coala Filmes, Eliane Muniz Gordeeff, Instituto dos Arquitetos do Brasil, Jorge Costa, Luis Filipe Kopp, Marcelo Marão, Marcelo Pinna, Marília Zangrandi, Michelle Fernandes de Azevedo, Rodrigo Murtinho, alunos da turma de Princípios e Desenho para Animação de 2007.1, nossas famílias, presença constante e apoio sempre presente.

Agradecimentos especiais a todos que colaboraram com o lançamento no Cine Odeon BR, durante as comemorações do Dia Internacional da Animação (em 28 out. 2009): Associação Brasileira de Cinema de Animação, Espaço Z, Grupo Estação, Luciana Druzina, M. Niemeyer Assessoria de Imprensa.

E um agradecimento todo especial a Arthur de Mello Cruz, cujo nascimento foi um interstício na produção da revista, mas também uma grande alegria para a equipe.

Quando decidimos lançar a revista *Interstícios*, tínhamos um objetivo: criar um espaço de debate e reflexão sobre arte sequencial. Nas páginas da coleção que agora se inicia – oxalá tenha vida longa! – haverá espaço para ensaios e artigos sobre toda e qualquer forma de arte sequencial. A publicação será, portanto, reflexo do interesse daqueles que se aventurarem a colaborar conosco.

Interstícios podem ser vistos como uma tradução espacial do tempo. São as sarjetas presentes entre os quadros nos quadrinhos. São igualmente os espaços entre os fotogramas da película cinematográfica e o hiato entre dois quadros produzidos para uma obra de animação. Muita coisa há a se dizer sobre eles: são a ausência que complementa a obra; a supressão que cria o sentido; o pedaço perdido do movimento; o espaço de participação do espectador, que acrescenta sua própria experiência às lacunas da obra e dela obtém uma vivência particular. Uma especial curiosidade direciona-se à pesquisa dos interstícios, seja na animação, nos quadrinhos, no cinema, nas artes plásticas e até na arquitetura. O nome nos pareceu apropriado. Afinal, a revista também existe em um interstício: o espaço entre as diversas peças de arte sequencial. É nesse lugar que surge a crítica, recontextualizando e, por consequência, ressignificando a própria obra.

Não desejamos erigir o espaço de julgamento da crítica. Ao contrário, queremos que seja construída uma teoria crítica em moldes contemporâneos, tal qual preconiza o crítico Luiz Camillo Osório. Uma crítica com o papel de testemunha, *voyeur* (usando agora termos nossos), capaz de se deliciar com aspectos que seriam imperceptíveis, se não fosse ela própria a desnudá-los.

A tarefa não se concretiza com uma única publicação, bem sabemos. Para conseguir atingir um objetivo tão amplo é necessário um conjunto de ações compostas com nós rizomáticos da sociedade: teses, dissertações, publicações periódicas, *papers*, congressos, livros, editoras, editorias. Por outro lado, cada uma dessas ações constrói a *malha*, ao mesmo tempo em que é por ela construída.

Interstícios pretende ser tão somente mais um nó do rizoma. Outras publicações mais específicas ou de linha ainda mais ampla deverão surgir e coexistir com ela. Serão bem-vindas! Quanto maior o número de entrelaçamentos, mais coesa e resistente será a rede a contê-los.

No primeiro número, era natural que certa preocupação histórica sobressaísse. Afinal, a primeira tarefa que se coloca é a de reconstruir o percurso da arte sequencial. No artigo de abertura da revista, *Antigas como o barro*, Daniel Pinna apresenta a arte sequencial mais antiga de que se tem ciência, confeccionada ao redor de um vasilhame de cerâmica de mais de 5 mil anos de idade. Pinna se detém sobre aspectos da obra produzida e nos coloca questões a respeito do conceito de arte sequencial.

Dando continuidade à investigação histórica, Bruno Cruz explora o surgimento da arte sequencial dialogando com o texto *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, de Walter Benjamin. Em *A arte sequencial: da pintura rupestre aos quadrinhos*, o autor apresenta uma possível delimitação do termo *quadrinhos* e aponta o que o define como arte sequencial de produção em série.

Relembrando os oitenta anos do camundongo mais famoso do mundo, Gabriel Cruz reconstrói a trajetória de seu criador em *O camundongo e seu criador: os primeiros passos de Walt Disney*, e indica as características que fizeram de Mickey Mouse o símbolo de um império da indústria do entretenimento, ao mesmo tempo em que suprimiram suas possibilidades narrativas.

No ensaio *A espontaneidade no risco de giz: considerações sobre o Quadro-negro Animado*, Daniel Pinna complementa artigo originalmente publicado no 8º P&D Design. Nesse trabalho ampliado, Pinna interliga uma experiência didática vivenciada com seus alunos e os primórdios do cinema e da técnica de filmagem quadro a quadro.

Em *Documentário animado: muito além da técnica e da tecnologia*, Índia Mara Martins revela que, apesar do documentário animado ter sido retomado com as recentes tecnologias que facilitam a realização de animação, principalmente da animação que busca um maior realismo, trata-se de um gênero que remonta aos princípios do cinema documentário. A autora instiga questões e demonstra, em alguns casos, como as novas possibilidades da animação permitem a produção de um tipo singular de documentário, capaz de abordar aspectos subjetivos dificilmente explorados nas técnicas do documentário tradicional.

Fechando a revista, Índia Mara Martins ainda entrevista o realizador Cesar Cabral, que em *Dossiê Rê Bordosa* investiga a morte da personagem mais famosa do cartunista Angeli. O recente documentário animado foi lançado durante o Festival Internacional de Documentários É Tudo Verdade 2008 (Rio de Janeiro), e desde então participa de festivais nacionais e internacionais, conquistando diversos prêmios.

Boa leitura. Retornem em alguns meses para a sequência.

Em seu número de estreia, a revista **Interstícios** traz cinco artigos com diferentes reflexões sobre as artes sequenciais. Personagens, quadrinhos, cinema e animação confundem-se e dialogam entre si, questionando os limites das definições e tipologias que abrangem essas áreas. A proposta desta publicação é justamente a de ocupar os espaços vazios entre (e sobre) as artes sequenciais, preencher as lacunas da pesquisa acadêmica e partilhar novas perspectivas.

Em **Antigas como o barro**, apresentamos ao leitor a arte sequencial mais antiga de que se tem notícia, confeccionada ao redor de um vasilhame de cerâmica de mais de 5 mil anos de idade. Já em **A arte sequencial: da pintura rupestre aos quadrinhos**, delimitamos o termo quadrinhos e explicamos o que o define como arte sequencial de produção em série.

Comemore conosco os 80 anos de Mickey Mouse em **O camundongo e seu criador: os primeiros passos de Walt Disney** e vivencie uma experiência de ensino de animação em sala de aula que remonta aos primórdios do cinema e da técnica de stop motion no ensaio **A espontaneidade no risco de giz: considerações sobre o Quadro-negro Animado**. Em **Documentário animado: muito além da técnica e da tecnologia** mostramos que, apesar de o documentário animado ter sido retomado com as recentes tecnologias, este gênero era realizado desde os primeiros anos do cinema.

Encerrando esta edição, **Interstícios** entrevista Cesar Cabral, diretor do documentário animado **Dossiê Rê Bordosa**. Sucesso nos festivais nacionais e internacionais – de animação, de documentário e de curta-metragens, em geral –, o filme investiga o caso real do assassinato da personagem das tiras em quadrinhos pelas mãos de seu criador, o cartunista Angeli.

ISSN 2176-2422



9 772176 242003 01